

DA ABÓBADA CELESTE ÀS PROFUNDEZAS DO AVERNO: IMAGENS DA MULHER NOS JORNAIS CARICATOS RIO-GRANDINOS DO SÉCULO XIX

FRANCISCO DAS NEVES ALVES*

RESUMO

Estudo das imagens criadas acerca da mulher nos textos dos jornais caricatos rio-grandinos no século XIX, com ênfase às diferenciações entre as visões anteriores e posteriores ao casamento.

Palavras-chave: mulher, imagens, imprensa, caricatura, casamento.

ABSTRACT

Study of images created about the woman in the texts of newspapers caricatured rio-grandinos in the nineteenth century, with emphasis on the differences between the views before and after the wedding.

Key-words: woman, images, press, caricature, wedding.

* Professor de História da FURG. Doutor em História – PUCRS. Pós-Doutorado junto ao ICES (Portugal).

O anjo que se amou até a loucura, torna-se às vezes com o tempo um velho demônio que se detesta (Marui. Rio Grande, 13 de novembro de 1881. p. 8).

Ao longo do século XIX a imprensa viria a constituir o mais importante meio de divulgação de informações e opiniões, ficando demarcadas nas páginas impressas, as mais variadas formas de sociabilidade presentes nas vivências humanas. Dentre os diversos tipos de jornal à época existentes, cada qual refletia nuances e facetas inerentes às sociedades nas quais circulavam ou àquelas que faziam referências, reproduzindo assim expressivos fragmentos de tais coletividades. Em tal cenário, as mulheres viriam a constituir uma das protagonistas, embora, em grande parte, suas atuações fossem descritas pelo prisma masculino. Nesse sentido, o feminino foi retratado das mais diversificadas maneiras, mas, notadamente, as abordagens se voltavam a duas direções essenciais. De um lado uma perspectiva altamente positiva, que qualificava a mulher como a companheira ideal, retirada diretamente do paraíso para ser colocada ao lado do homem. De outro, uma versão bastante desqualificativa, elegendo a mulher como um ser maléfico, de origem obscura e infernal, que só servia para arruinar o sexo masculino. O fator primordial para a edificação de tais prismas diferenciados foi, em geral, o casamento.

Essas duas versões antagônicas de uma mulher paradisíaca ou infernal, por vezes atingia o nível de uma interpretação algo maniqueísta e dicotômica, vislumbrando um “mal” e um “bem” em torno do ente feminino. Dentre os vários gêneros jornalísticos então em voga, um daqueles em que mais nítidas ficavam tais impressões era o da imprensa caricata. Manifestando em suas páginas um jornalismo essencialmente crítico-opinativo, as folhas caricatas eram típicas representantes da pequena imprensa que visavam oferecer um produto alternativo em relação à imprensa denominada séria. Nesse sentido, os caricatos apresentavam uma linguagem bem mais direta, incisiva e próxima do próprio leitor, usando um palavreado menos rebuscado e mais comum às

conversas cotidianas. Em tais periódicos, aquela visão bipolar em relação à mulher ganhava contornos ainda mais evidenciados, notadamente pelo uso do humor e da ironia.

No Brasil, os jornais dedicados à caricatura atingiram extraordinário sucesso entre o público, notadamente na segunda metade do século XIX, quando se espalharam pelo território nacional. Muitas dessas folhas eram editadas no centro do país e distribuídas em vários lugares, mas, ao mesmo tempo, nas mais importantes localidades em termos regionais, começariam a surgir periódicos de tal gênero. No Rio Grande do Sul, esse processo se repetiria, surgindo vários semanários caricatos na capital, Porto Alegre, na cidade que enriquecera a partir da produção pecuário-charqueadora, Pelotas, e no mais importante entreposto comercial sul-rio-grandense, a cidade do Rio Grande. Nessa última circularam publicações caricatas desde os anos setenta e de forma praticamente ininterrupta até quase o final daquela centúria. Dentre tais hebdomadários, foram editados nessa cidade portuária o *Diabrete* (1875-1881), o *Marui* (1880-1882) e o *Bisturi* (1888-1893)¹.

Tais periódicos estiveram fortemente ligados à crítica política, mas também dedicaram muito de seu espaço à crítica social e de costumes. No exercício de tais práticas, os semanários caricatos, às vezes com humor, em outras com uma propalada seriedade, destinavam a si mesmos uma função moralizadora, chegando a denunciar possíveis desvios e mazelas de natureza social ou no que tange à moralidade, à civilidade e aos bons hábitos. Foi na realização da crítica social e de costumes que esses jornais mais retrataram a figura feminina, estabelecendo um amplo horizonte de interpretações acerca das mulheres. Em linhas gerais, através de estratégias discursivas diversificadas, como anedotas, jogos de palavras, versos, estórias, narrativas, diálogos, entre tantas outras, essas publicações traziam ao público versões variadas sobre as

1 Acerca de tais jornais caricatos, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 160-195.; ALVES, Francisco das Neves. *Uma introdução à história da imprensa rio-grandina*. Rio Grande: FURG, 1995. p. 125-148.; ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: FURG, 1999. p. 170-243.; e ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002. p. 393-465.

mulheres e suas páginas reproduziam muito daquilo que estava presente nas conversas cotidianas nas ruas, nos estabelecimentos públicos e privados e nos lares, de modo que, caricaturalmente, elas refletiam formas de agir e pensar das sociedades retratadas.

Desse modo, imagens das mulheres foram construídas, reproduzidas e estereotipadas a partir de visões discrepantes e, por vezes, antagônicas entre si. Os responsáveis pelos jornais – na maioria homens – levaram ao público leitor várias facetas acerca do “sexo frágil” que traziam a lume alguns dos horizontes mentais à época reinantes. O feminino visto por tal prisma foi muitas vezes matizado a partir de uma visão que variava desde a de uma mulher ideal, alvo de todos os tipos de afeições e/ou desejos, até a de um ente extremante nocivo, causador de todas as desgraças humanas². Tais perspectivas estiveram profundamente ligadas ao “papel social” esperado de parte da mulher, como aquela dedicada exclusivamente ao casamento, ao lar e ao cuidado extremoso do marido e dos filhos, ainda que novas realidades viessem surgindo e alterando as vivências femininas³. A não concretização de tais expectativas acabaria por motivar interpretações pouco favoráveis para com a figura feminina, como bem traduziram as folhas caricatas.

Durante o século XIX, cada sexo tinha sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços e seus lugares quase predeterminados, até em seus detalhes, cabendo à mulher o papel de esposa e mãe, uma verdadeira “divindade do santuário doméstico”, sendo igualmente investida de um imenso poder social, para o melhor e para o pior⁴. A preservação de práticas culturais e representações simbólicas femininas indicava que a construção da “santa-mãe” como um arquétipo para melhor submeter a mulher à vida doméstica foi um fenômeno de longa

2 ALVES, Francisco das Neves. De anjo a demônio, de musa à bruxa: visões do feminino na imprensa rio-grandina do século XIX. In: *Anais da XXV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 2005. p. 513.

3 FRAISSE, Geneviève & PERROT, Michelle. Ordens e liberdades. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no Ocidente - o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4. p. 9.

4 PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 178-179.

duração histórica⁵. Tal perspectiva deitaria raízes através do tempo e, já nos Oitocentos, ainda era firme a imagem da mulher como virtuosa no ambiente de sua casa, onde era alocada por entre os sinais de uma vida doméstica respeitável⁶. Após o casamento, a mulher não teria diminuição das restrições sociais a que estava sujeito seu comportamento de solteira, chegando, inclusive de deixar de praticar certos atos proibidos pelos tabus vigentes para todas as mulheres, qualquer que fosse seu estado civil, devendo até ser eliminadas de seu comportamento atitudes inocentes que poderiam permitir ilações prejudiciais à sua reputação de senhora casada⁷.

Os jornais caricatos reproduziam os diversos papéis que a mulher desempenhava, nas diferentes faixas de idade e os padrões de comportamento dentro e fora da família⁸ e buscavam refletir a imagem de honradez e decência femininas que vigorou durante um longo tempo, quando respeitável era sinônimo de recatada⁹. Nas páginas dos hebdomadários ficava registrado também todo o esforço feminino, mormente no que tange à aparência no intento de chegar ao casamento, numa ampla valorização da beleza como fator para conquistar o “sexo forte”¹⁰. O pouco conhecimento entre as duas partes, a quase nenhuma intimidade e a predominância dos fatores materiais sobre os sentimentais, já que o matrimônio era considerado assunto por demais importante para ser deixado ao capricho dos noivos e a atração “amorosa”

5 PRIORE, Mary del. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Brasília: Ed. da UnB; Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p. 19.

6 HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Representações. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no Ocidente - o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4. p. 327-328.

7 SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969. p. 192.

8 LEITE, Miriam Lifchitz Moreira; MOTT, Maria Lucia de Barros & APPENZELLER, Bertha Kauffmann. *A mulher no Rio de Janeiro no século XIX: um índice de referências em livros de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982. p. 8.

9 QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajantes do século XIX*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 42.

10 KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no Ocidente - o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4. p. 352.

era relegada a segundo plano no ajuste do futuro casamento¹¹, foram fatores que levaram a constantes desgastes. Nesse quadro, surgiria espaço considerável para os desacertos de parte a parte, com insatisfações do homem por não encontrar a “esposa ideal” e da mulher, nem sempre disposta a aceitar a submissão sem protestos¹². Os semanários, sob a óptica masculina, traziam em suas páginas muito desse conflito entre os sexos, pelo qual os discursos sobre a complementariedade entre o homem e a mulher esbatiam-se, ao ignorar o movimento entre os desejos e os poderes e a dinâmica da relação entre ambos¹³. Além disso, em tais folhas, enquanto a normalidade feminina era representada como admirável, virtuosa ou recompensada, a feminilidade desviante era apresentada como ridícula, depravada, miserável ou passível de castigo¹⁴. A tendência geral foi de censura e/ou condenação às práticas femininas transgressoras e às sexualidades perigosas entre as mulheres¹⁵.

Figurativa, simbólica e/ou literalmente, a mulher aparecia nas páginas dos periódicos como o anjo ou a musa, quer seja, como um ser intermediário entre Deus e o mundo, ocupando para este as funções de ministros, mensageiros, guardiões, condutores de astros, executores de leis, entre outros, surgindo também como responsável pelas funções divinas e pelas relações da divindade com as criaturas; ou ainda era representada como o ser que trazia em si a fonte de inspiração da humanidade. As folhas, no entanto, tendo normalmente o casamento como divisor de águas, transformavam a imagem das representantes do sexo feminino,

11 MACFARLANE, Alan. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. p. 158.

12 BERNARDES, Maria Thereza Crescenti. *Mulheres de ontem? – Rio de Janeiro – século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. p. 10.

13 FRAISSE. Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no Ocidente - o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4. p. 86-87.

14 HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no Ocidente - o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4. p. 299.

15 WALKOWITZ, Judith R. Sexualidades perigosas. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no Ocidente - o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4. p. 404-405.

estereotipando-as como demônios ou bruxas, ou seja, a mulher aparecia como um espírito mau que simbolizava todas as forças que perturbam, inspiram cuidados, enfraquecem a consciência e fazem-na voltar-se para o indeterminado e o ambivalente; e também como uma força odienta, da qual os homens não poderiam libertar-se¹⁶. Assim, o anjo tutelar de amor e beleza tinha, pouco a pouco, e notadamente após o matrimônio, a sua imagem transmutada em megera, bruxa e demônio, capaz de qualquer ato para prejudicar o homem. Ficavam evidenciadas nas páginas dos hebdomadários caricatos, as chagas que marcavam as relações homem/mulher no seio de uma das mais tradicionais instituições de então – o casamento¹⁷.

O SER ADVINDO DA ABÓBADA CELESTE

Foram inúmeras as aparições e referências à figura feminina nas páginas dos jornais caricatos, interpretando-a como um ser maravilhoso, responsável por guiar os homens em direção à felicidade. Excluídos os textos, muitas vezes em versos, com alvos romantizados específicos, ou seja, destinados a uma pessoa especificamente, os escritos das folhas caricatas acerca da mulher em geral voltavam-se normalmente a uma suposta inspiração divina, observando-a pelo ângulo do sentimento enamorado e/ou pela pura admiração daquele ente que estaria sempre a agir para complementar a existência masculina. Ao mesmo tempo, tais textos traziam à tona o papel social esperado de parte da mulher, como aquela que cuidava dos afazeres domésticos e colocava-se numa posição submissa em relação ao seu marido, ao qual deveria servir com devoção. Por várias vezes os jornais, inclusive, publicaram matérias que designavam as expectativas comportamentais em relação ao que deveria ser uma boa esposa.

16 CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 60, 329, 337 e 419.

17 ALVES, Francisco das Neves. Do paraíso ao inferno – visões do feminino e do casamento na caricatura rio-grandina: uma introdução ao tema. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Sociedade e economia no Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: FURG, 2004. p. 14.

A mulher tratada como uma dádiva da criação divina aparecia nas páginas do *Bisturi*, ao afirmar que Deus, o grande construtor do universo, após seis dias de afanoso trabalho, sobre fofos coxins de alvacentas nuvens em repouso, reclinou-se, quando a natureza, alterosa e pujante, deslumbrada de sua magnificência opulenta e vasta, maravilhada ante sua própria suntuosidade foi em tropel levar-lhe uma parcela desta mesma grandeza indefinida. Nesse quadro, deu-lhe o firmamento uma nesga de azul sereno e límpido; o sol atirou-lhe às plantas um feixe de áureas setas de luz; os oceanos, em uma onda coroadada de alvinitentes espumas, mandaram-lhe um ramalhete de corais e um colar de pérolas; as flores, em rubro cálice de pétalas transparentes, ofereceram flocos de sutis perfumes; a noite, em uma baixela, feita de estrelas, entregou-lhe uma parte de sua espessa caligem; e a terra, fazendo da grimpá de suas altivas montanhas escrínios valiosos, nele enviou-lhe pródiga camada de pedrarias matizadas de faiscantes reverberações multicolores. Diante disso, o criador, juntando todas essas parcelas ao regaço, identificou-as com tanta arte, fundiu-as com tanta sabedoria, que daí proveio-lhe a sua obra prima – a maravilha de suas maravilhas, o muito do seu poder infinito: criara a mulher¹⁸.

O *Marui* também edificaria a imagem de uma mulher ideal, que seria aquela essencialmente religiosa e boa representante dos preceitos vigentes de moral e bons costumes. Confessava o periódico que nunca a mulher agradava tanto como quando vista ajoelhada à cruz, com o pensamento em Deus, e mais ainda quando, nesse recolhimento interno da devoção cristã, lhe umedecia as pálpebras uma lágrima de candidez, de ternura religiosa, e essa lágrima lhe resvalava nas faces, como a gota de orvalho sobre a rosa da manhã, ou pérola aveludada sobre um manto de cetim. Segundo a folha, era nesse momento que a mulher apresentava toda a sua majestade, toda a sua candidez natural, trazendo à imaginação muitos quadros de crença e religião, aos quais tão estreitamente se ligava a memória desse ente frágil pela natureza, mas forte, verdadeiramente forte, pela virtude e resignação. Na mesma linha, o semanário perguntava

18 BISTURI. Rio Grande, 31 de agosto de 1890. p. 3.

quem, senão a mulher, na hora solitária da noite, velava junto ao leito do Senhor, e pranteava a sua morte afrontosa, uma vez que fora por toda a parte a mulher quem se erguera superior aos homens para consolidar as angústias do Crucificado, para receber a sua doutrina e crer na sua fé, ou porque o seu coração fosse mais sensível, ou porque a sua imaginação mais viva penetrara os mistérios da vida futura e a pureza dos costumes do grande Mestre, que se sujeitara a tanto para remir o gênero humano. Exclamava ainda o quanto a mulher era digna da admiração dos homens ao exercer uma influência extraordinária no meio das grandes crises e revoluções sociais, e de predispor as gerações para a prática das grandes virtudes, tanto religiosas como cívicas. Para o jornal, tal influência e predomínio feminino seriam mantidos apesar do egoísmo dos homens, mas estava condicionado a que a mulher que não deixasse de ser pudibunda e casta, porque só o pudor e a castidade a faziam superior a todos os poderes, a todos os rigores, e até à calúnia¹⁹.

O mesmo semanário caricato publicou um “Abecedário útil”, no qual, letra a letra, previa condutas comportamentais consideradas como ideais para a mulher. Dessa forma, anunciava aos leitores que, como presente de festas de ano bom, oferecia aos seus assinantes o seguinte abecedário para seu uso doméstico: A – Amiga dever ser a mulher de sua casa. B – Benquista deve-se fazer na vizinhança. C – Caridosa deve ser com o pobre. D – Devota dever ser do seu ofício. E – Extremosa dever ser para seus filhos. F – Firme deve ser na fé e no amor conjugal. G – Governadeira diligente deve ser na sua fazenda. H – Humilde deve ser a seu marido. I – Inimiga deve ser de mexericos. J – Jovial dever ser com todos. L – Lealdade deve ter com suas amigas. M – Mansa deve ficar ante as contrariedades. N – Nobreza deve mostrar aos inimigos. O – Orgulhosa, jamais deve ser. P – Pacífica deve se tornar quando a cólera acometê-la. Q – Quieta deve estar sempre. R – Regrada deve ser em seus gastos. S – Sisuda deve aparecer em todas as sociedades. T – Trabalhadeira dever ser para espelho dos filhos. U – Usura jamais deve ter. V – Virtuosa dever ser como o escudo impenetrável fabricado por Vulcano. X – Xímia

19 MARUI, Rio Grande, 14 de novembro de 1880. p. 3 e 6.

não deve assemelhar-se. Z – Zelosa deve ser na sua honra, para que os lobos não possam devorá-la²⁰.

Em outro texto, o *Marui* apresentava a sua concepção sobre as “Armas das mulheres”, as quais considerava que eram tão fortes, que sabendo esgrimir bem, e, sobretudo a tempo, o guerreiro mais audaz, mais terrível e mais fero, depunha a lança, inclinava a cabeça e pedia misericórdia. Passava então a discorrer sobre tais armas. Uma delas seria a doçura, o auxiliar mais poderoso para conquistar, de modo que, quando apetiessem, elas deveriam ser doces em tudo, no caráter, nas ações, na expressão do rosto, na fala, no olhar e no sorriso. Explicava que, quando um homem se deixava levar pela cólera e se esquecia do que devia a si mesmo, uma palavra doce o desarmava, um doce olhar o envergonhava, pois a doçura adornava tudo que fosse imortal, de modo que as mulheres deveriam ser doces, e, se tivessem razão para estarem ressentidas, deveriam demonstrar sentimento, porém cólera nunca, já que a elas caberia não ferir, mas, amar, rezar e bem dizer²¹.

Seguindo tal linha de raciocínio, a folha caricata apontava que a resignação era outra arma das mulheres, destacando que não haveria homem de coração tão duro, que, ao ver sua esposa sofrer silenciosa e nobremente por seus extravios, se não envergonhasse deles e não procurasse corrigi-los. Fazendo um contraponto, o jornal considerava que a cólera exasperava o sexo forte, semelhante ao clarim da batalha, convidando ao combate e fazendo desafiar todos os perigos, ao passo que a resignação era uma filha do céu, tão formosa, tão doce, tão benéfica, que na alma da criatura mais aflita, derramava a tranquilidade e o bálsamo da consolação, num quadro pelo qual não haveria pena que não dulcificasse, nem ferida cujas dores não fossem aliviadas²².

Finalmente, o hebdomadário referia-se a mais bela de tais armas femininas, denominando-a de punhalzinho com cabo incrustado de pedraria, e delicadamente cinzelada e de primoroso juguete, cujo brilho atraía e seduzia, isto é, a

20 MARUI. Rio Grande, 2 de janeiro de 1881. p. 7.

21 MARUI. Rio Grande, 20 de novembro de 1881. p. 5.

22 MARUI. Rio Grande, 20 de novembro de 1881. p. 5.

coquetterie, esclarecendo que tal estratégia nada vinha a ver com o *coquetismo*, ou seja, seria simplesmente o desejo de agradar, e a arte de conseguir. Nesse sentido, explicava que, entre uma mulher que se descuidasse no traje, e outra que se vestisse com esmero, não haveria que duvidar qual alcançaria mais vitórias e não seria a de mais merecimento, mas sim a mais amável e a que mais esmeradamente se vestisse. Adicionava que as lágrimas seriam os melhores auxílios da *coquetterie*, mas as lágrimas vertidas docemente, as quais seriam as balas de que deviam servir-se as mulheres para tomar fortalezas as mais inexpugnáveis. E arrematava, afirmando que a doçura, a persuasão, a beleza, o pranto, e quando nada disso bastasse, a paciência, sendo estes os meios de conquista e os recursos diplomáticos para alcançar a felicidade na vida²³.

Ainda a respeito da idealização do gênero feminino, o *Marui* apresentaria matéria denominada “Os deveres da mulher”, segundo a qual seriam dez, de acordo com a opinião de “pessoas abalizadas”, expressando mais uma vez condicionantes morais e comportamentais. Seriam estes os tais deveres: 1º - amar a um só homem sem ser coquete com os outros; 2º - não jurar em vão até casar-se; 3º - ouvir missa e confessar-se, sem ser beata; 4º - honrar com palavras e ações o seu marido; 5º - não matá-lo de desgostos, pedindo-lhe coisas impossíveis; 6º - saber manejar o leque para afugentar certas moscas; 7º - não furtar uma hora à costura pra dedicá-la ao espelho; 8º - não murmurar nem mentir grandezas aparentes; 9º - não desejar mais de um marido; e 10º - ler quanto pudesse e instruir-se sempre que a sua instrução fosse encaminhada em bem da sociedade e da família²⁴.

Tal versão positiva do feminino era também enfatizada pelo *Bisturi*, segundo o qual, quando se falava das mulheres, se deveria molhar a pena nas cores do íris e deitar nas letras a areia das asas da borboleta, explicando que, se os homens conhecessem o doce coração da mulher, não falariam como falavam. Nesse sentido, comentava que a mulher deveria amar mais do que o homem, pois ela vivia menos distraída pelos cuidados do mundo e pelos

23 MARUI. Rio Grande, 20 de novembro de 1881. p. 5.

24 MARUI. Rio Grande, 8 de janeiro de 1882. p. 4-5.

projetos de ambição, concentrando-se em seu coração com seu suave tormento, como a sacerdotisa de Nesta, e como as filhas do Sol guardavam o fogo sagrado, constituindo-se o seu amado no suspiro dos seus dias e o sonho das suas noites. Conjeturava também que amor era para os homens um passatempo e, para as mulheres, o grande interesse, a grande ocupação de sua vida e, por isso, o “débil sexo” subjugava o mais forte e dominava o mundo, de modo que a mulher deveria amar por mais tempo que o homem²⁵.

Nessa linha, o semanário descrevia que se continha a mulher dentro do círculo do natural pejo, da timidez, e daquela desconfiança tão própria do seu sexo, para, mais tarde, dar ouvidos às doces lisonjas e, depois abrir o coração aos doces sentimentos do amor. Diante de tal constatação, afiançava que, ainda que o amor no homem e na mulher durasse igual período de tempo, a mulher era sempre a última que retirava o coração, uma vez que nele estavam as grandes lembranças, consistindo na doce metade do gênero humano e nas flores do deserto da vida. Considerava ainda que o pejo e o carinho formavam a mágica cultura feminina, uma vez que os homens nasciam do seu ventre amoroso, o seu seio nutria-os na infância e em seus braços eles começavam a sentir que viviam, vindo a ser o prazer deles na meia idade e o socorro esteio dos seus decadentes dias²⁶.

Ainda nesse tipo de construção discursiva acerca do feminino, o *Bisturi* defendia que não era a beleza, nem a idade florida chamada juventude e nem os atrativos do talento, o que agradava e comprazia naquela doce metade do gênero humano, e sim alguma coisa maior, uma virtude a mais divina e resplandecente que adornava a mulher, ou seja, a inocência. Dessa forma, considerava que tal virtude delicada que nascia no lar e o perfumava, tal encanto sedutor que só encontrava guarida doce e suave no seio das virgens, seria a flor mais fragrante e pura que adornava a sociedade. Advertia, entretanto, que, tal como uma onda que ao beijar palpitante a praia, se quebrava e morria e qual o suave e voluptuoso gorjeio da ave

25 BISTURI. Rio Grande, 3 de fevereiro de 1889. p. 7.

26 BISTURI. Rio Grande, 3 de fevereiro de 1889. p. 7.

que terminava em lânguido gemido, a inocência encontrava na sociedade um perigoso escolho onde facilmente poderia quebrar-se, questionando como poderia uma sociedade culta tornar-se surda ao grito da razão indignada e perverter o coração de uma inocente virgem. Diante de tal pergunta, esclarecia que a razão seria muito simples, já que uma jovem que contemplava abrir-se ante seu passo às portas da sociedade para recebê-la em seu seio, deveria começar por escolher com sumo cuidado os vestidos com que haveria de adornar-se e sem fingir mais virtudes do que aquelas que realmente tinha, pois a sociedade era a ara onde ela corria espontaneamente a sacrificar-se, podendo ser o sacerdote e a vítima ao mesmo tempo²⁷.

De acordo com tal perspectiva o hebdomadário caricato explicitava que nada haveria de mais belo, doce e comovedor, ou que fizesse palpitar tão aceleradamente o coração, como o contemplar a uma jovem que, através da inocência, deixava deslumbrar em sua fronte o pudor, a modéstia em suas ações, o candor em seu lânguido olhar, de vez em quando levantado ao céu e em seu simples coração os mais belos sentimentos sublimados pelo rubor que tratava de assomar em seu semblante. Considerava então que quem contemplasse um quadro tão sublime, poderia sentir em sua fronte resvalar uma terna e silenciosa lágrima, uma vez que as grandes emoções eram indescritíveis, a razão ficava escravizada e o coração ao senti-las estremecia, e só às lágrimas em sua linguagem simples e comovedora, era dado exprimi-las. Destacava ainda que uma jovem que possuía os encantos da inocência era uma criatura celestial que gozava tranquila sem entrever escolhos, pois o horizonte de sua vida seria puro como sua alma, risonho como o prenúncio da aurora, de modo que vê-la sem comover-se, seria impossível, havendo um impulso irresistível que por ela deixava os homens atraídos, o seu *ademán* inspirava reverência, sua simplicidade cativava e seu silêncio interessava²⁸.

Ainda na sustentação de tais premissas, o periódico considerava que haveria uma complementação para o símbolo

27 BISTURI. Rio Grande, 22 de setembro de 1889. p. 3 e 6.

28 BISTURI. Rio Grande, 22 de setembro de 1889. p. 3 e 6.

perfeito da inocência, pois, tal qual a flor que beijada pela brisa da tarde, exalava humilde o aroma que ia perfumar o prado era essa a mesma flor que ocultava em meio à folhagem pudica suas pétalas ao ver chegar a gota do rocío, de modo que não se poderia reprovar a formosura, considerando-a inútil ao lado da inocência. Quase que poeticamente, destacava que, quanto mais raios de luz despedia o sol, era tanto mais radiante, bem como, quanto maior fosse o número de atrativos que possuísse a mulher, mais celestial pareceria à vista masculina. Complementava tal ideia, esclarecendo que, além disso, havia uma ciência, mãe das ciências, que considerava a formosura como um reflexo da beleza infinita, de modo que, se a filosofia lhe concedia uma origem tão grande e elevada era para obrigá-la a colocar-se a uma altura digna de sua esfera. Explicava também que a formosura não era uma virtude e tão pouco um talento, mas não se poderia deduzir disso que não pudessem dar margem às mais heroicas virtudes. Diante de tal constatação, apelava às jovens formosas que deixassem que sua formosura adornasse a flor da inocência e que tão precioso véu cobrisse seus semblantes, não procurando rasgá-lo, pois a missão da mulher era grande, e quanto mais virtudes a adornassem, melhor a cumpriria²⁹.

Associando a imagem feminina ao papel social da imprensa, o *Bisturi* insistia em alguns das qualificações que deveriam caracterizar a mulher ideal. Nesse sentido, a respeito de ambas, considerava-as como os poderosos elementos das evoluções humanas na tragédia da vida, pois a mulher seria a existência toda do homem, o santuário do amor, a brandura e a sensibilidade consubstanciadas, ao passo que a imprensa era resultante do recentro das faculdades, o motor gigantesco da civilização dos povos, a atalaia das liberdades públicas. Apontava ainda que a mulher, educando a infantilidade no lar, estabelecia os fundamentos sólidos da moralidade na família, estreitando os elos que a prendiam aos filhos, formando os verdadeiros cidadãos e fixando na sua frente a coroa triunfal que elevava a Deus, enquanto que a imprensa, instruindo a juventude, e ilustrando a senilidade, rompia as brumas da ignorância, quebrava a trave

29 BISTURI. Rio Grande, 22 de setembro de 1889. p. 3 e 6.

do indiferentismo, iluminava a estrada da honra e do dever, proclamava as virtudes, profligava os vícios e condenava os crimes da sociedade. Arrematando o tema, o jornal destacava que ambas produziam revolta contra o gérmen do mal, tinham deveres sagrados a cumprir, trabalhavam pela grandeza da pátria, marchavam para o marco sublime a que as gerações sucessivas buscavam chegar, ou seja, a perfectibilidade. Concluindo que ambas eram irmãs na ideia e na ação, uma atuando diretamente sobre os indivíduos e a outra sobre a humanidade³⁰.

O ENTE ORIUNDO DAS PROFUNDEZAS DO AVERNO

Nas páginas dos jornais caricatos foram recorrentes os textos que buscavam demonstrar os malefícios do casamento, comparado, por vezes, a um verdadeiro inferno, no qual a mulher estaria a desempenhar um papel preponderante na deflagração das desgraças masculinas. Grande parte da carga de culpas pelo desgaste e dissipação dos matrimônios era imputada ao lado feminino do casal, sendo a mulher vista como um ser extremamente malévolos, capaz de ações espúrias, sempre a trazer males infundáveis para os maridos. Casos de esposa que praticava toda sorte de traições – mormente aquela que feria os votos matrimoniais –, era perdulária ao extremo e contribuía de todas as formas para os infortúnios na vida a dois eram recorrências frequentes nos textos publicados pelas folhas caricatas. Em resumo, a mulher acabava por ser representada em tal gênero jornalístico como o pior dos seres, que em tudo contribuía para os pesares do marido e as desavenças do casal.

Assim, o casamento era visto como um grande sacrifício, como foi a imagem construída pelo *Diabrete* que mostrava um homem carregando sua recém-esposa, após saírem da igreja, com ironia, a sombra projetada pela mulher era representada por uma cruz que o marido carregava sobre os ombros, ao que o periódico complementava, afirmando que aquele seria o morro chamado de Calvário por muitos maridos que reconheceriam mais tarde

30 BISTURI. Rio Grande, 16 de novembro de 1890. p. 3.

terem ido buscar a sua cruz³¹. As anedotas, sempre recorrentes nos hebdomadários, retratavam tais malefícios do casamento, como foi o caso do diálogo travado entre dois rapazes que estavam em uma estação de caminho de ferro, a esperar a partida de um comboio e o mais idoso dizia ao outro, que olhava para uma senhora com certa tenacidade, que ele não deveria olhá-la assim, ao que o outro perguntava o motivo, sendo-lhe respondido que aquele, um dia, ali mesmo, olhara para uma mulher daquela mesma maneira. O rapaz mais jovem perguntava como terminava a história, ao que lhe era respondido com amargor: “E depois, meu caro, fiquei oito anos a olhar para ela!”³². Na mesma linha, o *Marui* apresentava uma historieta na seção “Cousas que fazem rir”, contando que caminhava um indivíduo de revólver em punho e engatilhado, diante do que um amigo, vendo-lhe naquele terrível estado de exaltação perguntava aonde ele ia, obtendo por resposta daquele que ia matar um homem que passava. Perante tal situação, o interlocutor buscava acalmar o outro, exclamando que aquilo era uma loucura e questionava que demônio o tal homem havia feito. A resposta era incisiva: “Contribuíu para a maior desgraça da minha vida. Emprestou-me dinheiro para me casar!”³³.

O matrimônio chegava a ser comparado ao túmulo do amor, porém nele não haveria nem ao menos espaço para a inscrição “aqui descansa em paz”. No mesmo sentido, destacava-se que era dever respeitar o casamento, mesmo quando fosse um purgatório, mas dissolvê-lo imediatamente logo que chegasse a inferno, uma vez que o inferno *a dois* seria insuportável³⁴. Seguindo tal perspectiva era mostrado um quadro refletindo sobre as seis fases da lua de mel, apresentando um casal que, ao início da relação, permanecia em manifestações carinhosas e amorosas, entretanto, à medida que o tempo passava, cada qual mostrava seus próprios interesses e os desentendimentos recrudesciam até a culminância, com a completa ausência de identidade ou aproximação entre

31 DIABRETE. Rio Grande, 8 de junho de 1879. p. 4-5.

32 MARUI. Rio Grande, 1º de janeiro de 1880. p. 2.

33 MARUI. Rio Grande, 2 de fevereiro de 1880. p. 7.

34 MARUI. Rio Grande, 16 de outubro de 1881. p. 5 e 8.

ambos³⁵. Outro diálogo qualificava negativamente o casamento, apresentando dois indivíduos a conversar, enquanto o primeiro dizia não ver um conhecido há muito tempo, perguntando ao outro se sabia que fim levará, se estava doente ou se morrera, recebendo por resposta a lacônica sentença: “Pior do que isso... casou”³⁶. O casamento era encarado como uma verdadeira condenação, como bem ficava expresso através de versinhos os quais contavam que, na hora da morte, a mulher chamava ao marido, que no pranto se derramava, como a mostrar-se muito sentido, dizendo-lhe em voz baixinha, que se ele queria que ela morresse em paz deveria jurar que nunca mais se casaria; em resposta, o choroso marido, dizia que daquela aliança guardaria tal recordação, que poderia afirmar com veemência que a esposa poderia descansar tranquila, pois em outro ele não cairia³⁷.

Tais apreciações sobre o casamento colocavam na figura feminina a responsabilidade pela degradação das relações matrimoniais. A mulher era muitas vezes apresentada como verdadeira megera que atazanava a vida do marido, como era o caso da anedota publicada pelo *Diabrete* na seção “Cúmulo da seriedade”, na qual um indivíduo perguntava a outro onde estava a sua mulher, diante do que recebia a contumaz resposta: “Anda viajando, por motivo de saúde. Mas, coisa singular! Ela viaja por motivo de saúde e a mim é que faz bem a sua viagem”³⁸. Seguindo tal ideia, o *Marui* editou uma historieta na seção “Cousas leves e pesadas”, narrando que, numa loja de modas, um sujeito pisava a cauda do vestido de uma senhora, que se voltava bruscamente, com um ar furioso, pronta a chamá-lo de bruto, mas, ao ver que se tratava de um desconhecido, mudava logo de rosto e pedia perdão com ar amável, dizendo que pensava que fosse o seu marido³⁹. O mesmo periódico ilustrou um sucinto comentário a respeito das esposas, destacando que quem casava com uma boa

35 BISTURI. Rio Grande, 5 de maio de 1889. p. 8.

36 BISTURI. Rio Grande, 8 de junho de 1890. p. 3.

37 BISTURI. Rio Grande, 24 de maio de 1891. p. 3.

38 DIABRETE. Rio Grande, 2 de maio de 1880. p. 7.

39 MARUI. Rio Grande, 1º de janeiro de 1880. p. 2.

mulher, levava para casa um apoio, mas quem a encontrava má, levava uma poia⁴⁰. Também nas páginas desse hebdomadário aparecia outra breve narrativa na qual uma certa mulher dizia ao marido que, se ele enviuvasse, só acharia a filha do diabo que quisesse casar com ele; o cômputo achou que aquilo até poderia ser bom, se ele tivesse dinheiro para a dispensa de casar com uma cunhada⁴¹.

A mulher também era representada como a parte que mais mal fazia nas relações a dois por constituir-se normalmente numa perdulária. Nesse sentido era apresentada uma narrativa a respeito de um senhor que havia chegado de Portugal, e mantinha uma paixão doida por uma espanhola que lhe devorava todos os vinténs. Diante disso, um amigo aconselhava-o que tomasse juízo e voltasse para Portugal, pois aquela mulher iria dar cabo de tudo que ele tinha. O enamorado respondeu enérgico dizendo que o amigo estava doido, e que ela, coitada era muito desinteressada e, positivamente, um anjo. A tal manifestação o outro sentenciava: “Pois sim, mas toma cautela, as asas dos anjos, como ela, são sempre feitas com penas de pato”⁴². A figura da gastadora e interesseira era também representada através de um simples pensamento o qual afirmava que quando a esposa sorrisse, o marido deveria meter logo a mão na algibeira, porque ela iria pedir-lhe alguma coisa⁴³.

A dissipação financeira presente nos atos femininos era também apresentada em versinhos chamados de “Cena doméstica”, nos quais um marido reclamava que ainda havia homens que queriam casar, perguntando quem poderia aturar a mulher com as modas, querendo sempre comprar um vestido por dia, xales de lã, leques, luvas, meias, saias, fitas, rendas, requifes, cambraias, coletes, voltas e pulseiras, ou seja, queria todas as asneiras enviadas da França e ele era que tinha de pagar. Diante de tais acusações, a esposa respondia que o marido deveria sossegar, não devendo zangar-se, pois ela não pediria

40 MARUI. Rio Grande, 18 de abril de 1880. p. 8.

41 MARUI. Rio Grande, 6 de novembro de 1881. p. 8.

42 DIABRETE. Rio Grande, 7 de novembro de 1880. p. 7.

43 MARUI. Rio Grande, 16 de outubro de 1881. p. 4.

mais nada para não enfadá-lo, e por isso, naquele dia, ela só iria querer um fichu para ir ao baile da dona Lulu, depois *pince-nez*, botinas, toucados, corpinho bordado, chapéu mulatinha para ser madrinha e, mais tarde, no domingo, veria com vagar o que mais para a festa, precisaria comprar⁴⁴. Ainda ao mesmo respeito, foi publicado um breve diálogo intitulado “Observação conjugal”, no qual a mulher perguntava ao marido o motivo dele criticar a sua toailete, pois o que saberia um homem do vestuário da sua mulher. Ao que ele respondia lacônica e acidamente, com voz cava: “O preço, minha querida”⁴⁵.

A mulher era também constantemente qualificada como traidora. Numa dessas representações, o marido estranhava a indumentária da esposa, questionando aonde ela iria com todo aquele luxo, quando todos sabiam que ele não ganhava o suficiente para sustentar tal gasto, perguntando se aquilo não acabaria dando o que falar⁴⁶. Na mesma linha, na seção “Cousas leves e pesadas”, o *Diabrete* perguntava quando começava a envelhecer uma mulher, respondendo em seguida que era no momento em que o último amante a abandonava⁴⁷. Em seção homônima, o *Marui* contava historietas na qual um sujeito que se casara recentemente, ao fim de três meses apresentava-se em casa da sogra a chorar, dizendo que acreditava que a sua esposa havia lhe enganado, ao que a senhora respondia-lhe que não poderia ter ocorrido, pois ainda seria muito cedo⁴⁸.

A mulher como corruptora das relações matrimoniais através da traição era também lembrada em matéria chamada “O coração da mulher”, refletindo que no mesmo sempre haveria espaço para mais um, ao narrar que Deus ordenara a Noé que fizesse uma barca que contivesse todas as espécies de animais, passando ele trinta meses no mato, não fazendo outra coisa senão cortar lenha e, voltando, perguntou ao Senhor o que deveria fazer

44 BISTURI. Rio Grande, 27 de outubro de 1889. p. 7.

45 BISTURI. Rio Grande, 8 de março de 1891. p. 3.

46 DIABRETE. Rio Grande, 1º de dezembro de 1878. p. 4.

47 DUABRETE, Rio Grande, 11 de maio de 1879. p. 7.

48 MARUI. Rio Grande, 1º de janeiro de 1880. p. 2.

se a barca fosse pequena, ao que Deus lhe respondeu: “Basta que a faças igual ao coração de uma mulher”⁴⁹. Uma matéria dedicada “Para as moças” descrevia que uma mulher casada, por mais honesta e ajuizada que fosse, pensaria dez vezes por dia em enganar o marido, de modo que estes seriam outros tantos Jorge Dandins se espreitassem um bocado a imaginação vagabunda e caprichosa das suas metades⁵⁰. Em cena mostrando um casal levando uma criança ao seu batizado, o texto colocava a esposa sob suspeita, uma vez que toda a gente estava a olhá-los, diante disso, a mulher argumentava que eram todos uns curiosos, maldizentes e invejosos⁵¹.

Em “Cofre das graças”, o *Bisturi* apresentava um diálogo entre dois homens no qual o primeiro perguntava ao outro se ele havia reparado na assiduidade com que um terceiro visitava a sua casa, diante da resposta negativa, aquele dizia: “Pois olha, é preciso cuidado: creio que a tua mulher nos engana”, sugerindo uma dupla traição. Na mesma edição, o jornal narrava que, em uma oficina de chapéus de senhora, um sujeito exaltava as qualidades que tinham várias donzelas ali empregadas, dizendo que ali havia boas esposas, diante do que um ouvinte contra-argumentava que ao menos elas saberiam muito bem enfeitar as cabeças dos maridos⁵². O periódico apresentava também uma muito próxima conversa entre uma prima casada e seu primo, um dizendo que pertencia ao outro, diante do que adentrava o marido perguntando afinal de quem ele seria, ao que ela, atrapalhada, respondia “Você... Você é nosso...”⁵³.

As mulheres namoradeiras eram também retratadas através de versinhos, como alguns em que uma moça se confessava ao padre, revelando que escrevia a quatro rapazes, mas a nenhum tinha amor, ao que o confessor perguntava se ela enganava a todos sem que aquilo lhe causasse abalo, sendo-lhe respondido

49 MARUI. Rio Grande, 31 de julho de 1881. p. 6.

50 MARUI. Rio Grande, 18 de dezembro de 1881. p. 5.

51 BISTURI. Rio Grande, 5 de agosto de 1888. p. 8.

52 BISTURI. Rio Grande, 8 de setembro de 1889. p.7.

53 BISTURI. Rio Grande, 16 de fevereiro de 1890. p. 3.

que ainda havia outros dois com os quais ela só falava. Diante da irritação demonstrada pelo padre, ela confessava que também havia mais dois, um em Londres e outro doente. Perante tal situação, impaciente, o padre afirmava que seria mais breve resumir que a moça namorava a todos os vivos e a todos que haveriam de nascer⁵⁴. Um pequeno diálogo também retratava a traição feminina, nele um sujeito dizia a outro que o seu relógio e a sua mulher eram coisas que nunca regulavam. Perguntado pelo motivo de tal afirmação, o indivíduo respondia: “Porque um tem *corda* de menos; a outra *corda* de mais...”⁵⁵.

As estórias com mulheres traidoras como protagonistas eram bastante recorrentes, como uma em que uma esposa estava muito zangada com o marido, mas, em compensação, em muito boa harmonia com o amante. Entretanto, ela ficava grávida e fazia logo as pazes com o marido, diante do que uma boa amiga explicava tal reconciliação como se fosse um desejo de mulher grávida⁵⁶. Já em uma seção “Para rir”, editada pelo *Bisturi*, narrava-se que um poeta que não acreditava muito na fidelidade da mulher, escrevera em um álbum a seguinte quadra: “se a mulher se suicidasse, toda vez que nos engana, cada uma morreria vinte vezes por semana”. A folha caricata, em complemento, contava ainda que, sendo depois tal álbum apresentado a outro não menos cético, entendera este que o seu colega não tinha dito toda a verdade, e escrevera: “se a mulher espirrasse toda vez que nos ilude, seria o mundo ocupado só em dizer – Deus te ajude”⁵⁷.

As críticas às mulheres, mormente após o casamento, chegavam a ser vorazes e pesadamente incisivas nas páginas dos semanários caricatos, culminando até, por vezes, em qualificá-las dentre os piores seres existentes no mundo. Foi o caso do *Diabrete* que publicou algumas definições do feminino, explicando que um homem, que sem dúvidas teria suas razões particulares, classificara a mulher do modo seguinte: ela representava o naufrágio do homem, a tempestade da casa, o

54 BISTURI. Rio Grande, 8 de junho de 1890. p. 3.

55 BISTURI. Rio Grande, 6 de março de 1892. p. 4.

56 BISTURI. Rio Grande, 6 de março de 1892. p. 4.

57 BISTURI. Rio Grande, 20 de novembro de 1892. p. 4.

estorvo do descanso, o cativo da vida, um dano de cada dia na peleja apetecida, uma guerra custosa, uma fera convidada, a inquietação confiada, a leoa que afagava, o perigo enfeitado, o animal malicioso, a voragem do ouro, o caruncho da mocidade, o céu da vista, o purgatório da bolsa, e o inferno da alma⁵⁸. O mesmo jornal, em sua seção “Cousas leves e pesadas” dizia que muitas vezes uma mulher tornava-se um anjo, desde que o diabo a levasse, ou ainda afirmava que, se Maquiavel tivesse feito uma política para o amor, ele teria dito aos homens: “farei às mulheres aquilo que não quereis que elas vos façam”⁵⁹.

Na mesma linha de buscar definições para o feminino, foram realizadas apreciações nada alvissareiras, surgindo qualificações extremamente negativas, para responder afinal “O que é a mulher”: confusão, batalha perdurável, sanguessuga insaciável, cauda de escorpião, naufrágio de varão, um sepulcro dourado, um contínuo cuidado, uma cruz endiabrada, a carga mais pesada, a origem do pecado, uma sorte enganosa, uma desdita certa, do inferno a porta aberta, serpente venenosa, peleja penosa, uma calamidade, o gérmen da maldade, um adornado engano, um lamentável dano, morta enfermidade, da paz perturbação, da falsidade cimento, da alegria impedimento, da bolsa o maior ladrão, do dinheiro, inquisição, da soberba o ideal, dos vícios mineral, da leviandade abrigo, do homem o pior inimigo, principio e fim do mal⁶⁰. Seguindo tal perspectiva, foi publicada a nota “As mulheres julgadas pelas más línguas”, que chegava a afirmar que, por mais perfeita que fosse uma mulher, ela tinha sempre um pouco do diabo no corpo⁶¹.

O *Marui*, em idêntico enfoque, publicaria “O que são as mulheres”, descrevendo que um curioso, que havia longos anos estudava a mulher e todos os seus fenômenos, acabara de escrever como resultado prático da experiência algumas possíveis transformações observadas no comportamento feminino. Explicava, assim, que a senhora séria degenerava em soberba;

58 DIABRETE. Rio Grande, 2 de fevereiro de 1879. p. 7.

59 DIABRETE. Rio Grande, 27 de abril de 1879. p. 7.

60 DIABRETE. Rio Grande, 12 de dezembro de 1880. p. 6.

61 MARUI. Rio Grande, 13 de março de 1881. p. 7.

a recatada em arisca; a risonha em fácil; a esperta em doida; a calada em sonsa; a curiosa em murmuradeira; a isenta em afetada; a medrosa em moleirona; a faladora em maldizente; a recolhida em bisonha; a frenética em teimosa; a ciosa em atrevida; a discreta em abelhuda; e a que ia dar em toda a parte em corriqueira⁶². A mesma folha, mais tarde, apresentando alguns “meteóricos” pensamentos, alinhava que a mulher era a moléstia incurável do homem⁶³. No mesmo sentido, o *Bisturi* editou uma pequena estória na qual uma senhora fazia uma preleção sobre os direitos do sexo feminino, mostrando a importância da mulher na sociedade e perguntando onde estaria o homem, se não fossem as mulheres e, não obtendo uma resposta da plateia, repetia o questionamento, ao que finalmente alguém da galeria respondeu com incisiva brevidade: “No paraíso, minha senhora”⁶⁴. Em outra narrativa, o jornal encerrava a mesma ideia, descrevendo um viúvo inconsolável, que mandara gravar um epitáfio na pedra que cobria os restos mortais da sua cara-metade, escrevendo inicialmente: “Aqui jaz a esposa minha, que contente a mim se uniu, e morrendo pobrezinha, para o céu veloz partiu”. Para depois arrematar: “Neste triste e atroz tormento, pranto vorto e bem sentido; coitadinha! só lamento, há mais tempo não ter ido”⁶⁵.

NEM TANTO AO CÉU, NEM TANTO AO INFERNO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres vistas por dois ângulos distintos alternadamente, também o eram de maneira simultânea, ou seja, além das versões conflitivas entre si, demonstrando uma visão maniqueísta entre o bem e o mal, como epítetos essenciais invocados ao tratar-se do feminino, também apareceram ocorrências nas quais, ao mesmo tempo, a mulher era mostrada em seu lado bom e mau. Assim,

62 MARUI. Rio Grande, 27 de março de 1881. p. 6-7.

63 MARUI. Rio Grande, 9 de abril de 1882. p. 8.

64 BISTURI. Rio Grande, 13 de setembro de 1891. p. 3.

65 BISTURI. Rio Grande, 31 de janeiro de 1892. p. 3.

as próprias folhas caricatas viriam a reconhecer que, na figura da mulher, acabavam por se encerrar tanto as apreciações positivas quanto as negativas, revelando as facetas intrínsecas ao próprio ser humano. Os versos denominados “O que são as mulheres” – repetindo um título comum à época – bem reproduziam tal dicotomia. Elas eram apontadas como estátuas, precisas ao poeta e ao romancista, mas também como aquelas que, nas noites da vida, luzes fátuas, seduziam o próprio moralista. As mulheres eram vistas também como precipícios, que enfeitavam do viver a longa estrada; e como a fonte divina dos vícios que tinham a humanidade aos pés prostrada. Ainda eram descritas como o símbolo majestoso da malícia e da astúcia e como a estrela querida, que propiciava e reluzia no céu azul de amor faustoso. Elas apareciam como o elixir infalível contra o tédio, mas também como o remédio que regenerava um ente desprezível. Poderiam ser os lírios de pureza ou os algozes da virtude, a fonte do bem e dos martírios, ou as rosas da manhã na juventude. Seriam ainda o vício revestido de endêmicos primores, os astros de virtude, que propícios, animavam com a luz dos seus fulgores. Na mesma linha, as mulheres eram apontadas como uma história escrita em perfil fino, mas com sangue, ou enfim, como anjos e demônios e como o pranto e o riso de todo o mundo⁶⁶.

Outra apreciação acerca do feminino trazia também essa dupla perspectiva, ao explicitar que a mulher solteira era uma flor; casada, uma semente; viúva, uma planta desprezada; freira, um cogumelo; irmã de caridade, uma planta medicinal; solteirona, uma intrigante. E seguia na mesma linha, afirmando que solteira era um problema; casada, um efeito; viúva, uma tentação; filha, um prêmio; irmã, uma cama; mãe, um anjo; amante, um luxo; sogra, um demônio; madrasta, um inferno; bonita, um anjo; feia, uma tempestade. Era ainda descrito que a mulher era para o homem o trabalho e a aspiração; o valor e a força; a honra e a fortuna; o pensamento... e a danação. Seria ela também que ensinava o homem a amar e odiar, a lutar e vencer, a trabalhar e sofrer, a pensar e enganar, a matar e morrer⁶⁷. Finalmente, um

66 MARUI. Rio Grande, 23 de janeiro de 1881. p. 6-7; e 1º de maio de 1881. p. 7.

67 BISTURI. Rio Grande, 31 de janeiro de 1892. p. 3.

breve pensamento divulgado na seção “As mulheres julgadas pelas más línguas”, dizia com brevidade que a mulher era mais doce do que a vida e mais amarga do que a morte⁶⁸.

Ao apresentar uma visão idealizada da boa esposa, ou seja, a mulher ideal, obediente e solícita, ou uma versão nada agradável a respeito da mesma, mostrando-a como uma dissipadora de lares, ou mesmo quando buscavam demonstrar um lado positivo convivendo com outro negativo em relação ao feminino, os semanários caricatos reproduziam um olhar masculino e até machista sobre o tema. Na ampla maioria, eram homens os proprietários, redatores, colaboradores e desenhistas dessas folhas e revelavam os preconceitos e tabus advindos dos padrões sociais então predominantes. No entanto, tal versão preconceituosa refletia a linguagem comum, o cenário cotidiano e os fundamentos comezinhos que envolviam o microcosmo das relações matrimoniais, no universo das interações sociais da comuna portuária, ou ainda do conjunto das cidades gaúchas e brasileiras de então. Apresentando um casamento desgastado e uma figura feminina nem sempre agradável, os hebdomadários caricatos nada mais faziam do que refletir/ reproduzir ditos e fatos do dia a dia da sociedade em que estavam inseridos⁶⁹.

Os próprios caricatos eram contraditórios, abordando as belezas e virtudes do feminino, ao mesmo tempo em que destacavam as maledicências acerca da mulher e da esposa, ou ainda, ao descrever as mazelas que poderiam marcar uma relação conjugal, mas também apontando o indivíduo que não seguisse os caminhos do matrimônio como um pária social. Considerado como pedra de toque e culminância irretorquível das inter-relações homem/mulher no mundo ocidental do século XIX, o casamento apresentaria uma corrosão interna, resultante do desgaste natural da convivência diária (e, por vezes, rotineira) entre os cônjuges, mas também advinda do predomínio das questões materiais sobre as sentimentais no momento da escolha do (a) parceiro (a). Fruto também das próprias idiossincrasias e contradições que marcavam as comunidades humanas da época, a

68 MARUI. Rio Grande, 13 de março de 1881. p. 7.

69 ALVES, 2005. p. 519.

imprensa caricata rio-grandina, através de seu discurso paradoxal, trazia a lume aspectos da vida a dois muitas vezes abordados de forma velada, principalmente no que se refere às transformações sofridas nas imagens sobre o feminino e o casamento⁷⁰ Constituía-se, assim, nos textos emanados de tais folhas um verdadeiro jogo de relações no qual, figurativa e caricaturalmente, as imagens da mulher variavam do anjo decaído da abóbada celeste até a do diabo saído direto das profundezas do averno.

70 ALVES, 2004. p. 23.